

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA

Curso de Medicina

**A percepção do médico e do paciente em relação a influência da informação à saúde na web frente as consultas clínicas no Ambulatório Universitário Central de Anápolis - GO**

Eduarda Almeida Dutra da Conceição

Ana Júlia Martins Lauck

Amanda Malheiros

Fernanda Folgosi

Joaquim Pedro Figueira Marques

Júlia Faria Reis

Anápolis – Goiás

2022

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA

Curso de medicina

**A percepção do médico e do paciente em relação a influência da informação à saúde na web frente as consultas clínicas no Ambulatório Universitário Central de Anápolis - GO**

Trabalho de Curso apresentado à subárea de Iniciação Científica do Curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA, sob a orientação da Profa. Dra. Constanza Thaise Xavier Silva.

Anápolis – Goiás

2022

ANEXO 5- CARTA DE ENCAMINHAMENTO

**UniEVANGÉLICA**  
UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS

**ENTREGA DA VERSÃO FINAL  
DO TRABALHO DE CURSO  
PARECER FAVORÁVEL DO ORIENTADOR**

À

Coordenação de Iniciação Científica

Faculdade da Medicina – UniEvangélica

Eu, Prof<sup>(a)</sup> Orientador Constante Xavier X. Silva venho, respeitosamente, informar a essa Coordenação, que os(as) acadêmicos(as) Ana Júlia Inadima Bauck, Amanda Malheiros, Eduarda Almeida Dutra da Conceição, Fernanda Fajoso, Joaquim Pedro Figueira Marques, e Julia Jania Reis, estão com a versão final do trabalho intitulado A percepção de médicos e de pronta para ser entregue a esta coordenação. paciente em relação à frequência do uso da internet frente as consultas clínicas em ambulatório Unimed/Univida Central de Anápolis - GO

Declara-se ciência quanto a publicação do referido trabalho, no Repositório Institucional da UniEVANGÉLICA.

Observações:

---

---

---

Anápolis, 04 de maio de 2022

Constante X. Silva

Professor(a) Orientador(a)

## RESUMO

O advento da internet trouxe consigo um aumento exponencial da capacidade de acesso a informações de uma forma igualitária, em que o que antes necessitava de pesquisas por vários livros e um longo período de dedicação, agora pode ser encontrado facilmente com alguns cliques. Com isso, diversas relações interpessoais sofreram grandes mudanças para se adaptarem à nova era da informação, especialmente a relação médico-paciente. O presente estudo teve por objetivo descrever a percepção do médico e do paciente expert e as principais influências exercidas pelo uso da internet em consultas clínicas. Trata-se de um estudo observacional, descritivo e transversal, de natureza quantitativa, tendo como população os pacientes e os médicos do Ambulatório Universitário Central e fazendo-se uso de um questionário específico contendo perguntas objetivas a respeito do uso da internet. De acordo com os dados obtidos no questionário, a população foi constituída por 109 pacientes no Ambulatório Universitário Central de Anápolis/GO. Observou-se predominância no sexo feminino (80,7%); na faixa etária de 40 a 59 anos (47,7%); ensino médio com 42,2%. 28,4% dos entrevistados pesquisam pelo menos uma vez durante a semana passada na internet; 34,9% ficam navegando na web cerca de menos de 2 horas por dia; 66,1% já usa internet há mais de sete anos; 75,2% dos pacientes procura na web informações especificamente sobre medicamentos; 73,4% nunca comprou através da farmácia on-line; 36,7% discordam que se sentem mais seguros e confiantes quando pesquisam informações na internet antes da consulta médica; 48,6% concordam que as informações na internet precisam melhorar. De acordo com os dados parciais obtidos nos questionários destinados aos médicos, a população foi constituída por 18 médicos no Ambulatório Universitário Central de Anápolis – GO. Observou-se uma predominância do sexo masculino (77,8%) e na faixa etária de 41 a 50 anos. 94,4% dos médicos afirmam receber muitos pacientes que já pesquisaram na internet, sendo 83,3% afirmar ser com muita frequência. 44,4% declararam não conhecer as fontes trazidas pelos pacientes e a mesma porcentagem afirma conhecer. Grande parte dos entrevistados, cerca de 77,8%, não confiam nas informações trazidas das pesquisas na internet pelos pacientes; 56,6% declarou nunca ter precisado discutir sobre alguma informação trazida do meio online por um paciente com outro colega de profissão; 66,7% oferecem algum tipo de suporte on-line para os pacientes. Diante disso, podemos comprovar que o paciente informado possui um certo lado positivo e um outro lado negativo nas consultas clínicas e a função do médico torna-se ainda mais necessária, considerando-se que dados evidenciados na literatura, o objetivo passou a ser muito mais do que apenas fazer o diagnóstico e tratar doenças como também deve direcionar o paciente sobre todas as informações que ele pode adquirir em sites confiáveis.

**Palavras-chave:** Internet e Acesso à Informação. Relação Médico-Paciente.

## ABSTRACT

The advent of the Internet brought with it an exponential increase in the ability to access information in an egalitarian manner, in which what once required research through several books and a long period of dedication, can now be found easily with a few clicks. With this, several interpersonal relationships have undergone major changes to adapt to the new information age, especially the doctor-patient relationship. The present study aimed to describe the perception of the physician and patient expert and the main influences exerted by the use of the internet in clinical consultations. This is an observational, descriptive and cross-sectional study, of a quantitative nature, having as population the patients and the doctors of the Central University Outpatient Clinic and making use of a specific questionnaire containing objective questions regarding the use of the internet. According to the data obtained in the questionnaire, the population was made up of 109 patients at the Central University Outpatient Clinic of Anápolis/GO. A predominance was observed in the female gender (80.7%); in the 40 to 59 age bracket (47.7%); high school education with 42.2%. 28.4% of the interviewees search the internet at least once during the past week; 34.9% surf the web for less than 2 hours a day; 66.1% have been using the internet for more than 7 years; 75.2% of the patients search the web for information specifically about medicines; 73.4% have never bought through the online pharmacy; 36.7% disagree that they feel safer and more confident when they search for information on the internet before a doctor's appointment; 48.6% agree that the information on the internet needs to be improved. According to the partial data obtained from the questionnaires for the doctors, the population consisted of 18 doctors at the Central University Outpatient Clinic of Anápolis - GO. It was observed a predominance of males (77.8%) and in the age group of 41 to 50 years. 94.4% of the doctors stated that they receive many patients who have already searched the internet, with 83.3% stating it was very often. 44.4% said they did not know the sources brought by the patients, and the same percentage said they did. A large part of the interviewees, about 77.8%, do not trust the information brought by patients from the Internet; 56.6% declared they have never needed to discuss some information brought online by a patient with another professional colleague; 66.7% offer some kind of online support for patients. In view of this, we can prove that the informed patient has a certain positive side and another negative side in clinical consultations, and the physician's function becomes even more necessary, considering that data evidenced in the literature, the objective has become much more than just making the diagnosis and treating diseases, as it should also direct the patient about all the information that he/she can acquire in reliable sites.

**Key words:** Internet and access to information. Doctor-Patient Relations.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	4
2.1 Surgimento da internet.....	4
2.2 A relação médico-paciente frente ao acesso à informação na era da internet.....	5
2.3 Mudanças observadas na relação de confiança entre médico e o paciente.....	7
2.4 Influências positivas e influências negativas exercidas pela internet na relação médico paciente.....	8
2.5 Riscos oferecidos por sites não confiáveis ou sem credibilidade e os motivos para os pacientes pesquisarem na internet.....	11
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	13
3.1 Objetivo Geral.....	13
3.2 Objetivos Específicos.....	13
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	14
4.1 Tipo de estudo.....	14
4.2 População de estudo.....	14
4.3 Coleta de dados.....	14
4.4 Aspectos éticos.....	15
4.5 Análise de dados.....	15
<b>5. RESULTADOS</b> .....	16
5.1 Pacientes.....	16
5.2 Médicos.....	22
<b>6. DISCUSSÃO</b> .....	27
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	32
<b>APÊNDICES</b> .....	35
<b>APÊNDICE 1</b> .....	35
Questionário adaptado e modificado para os pacientes.....	35
<b>APÊNDICE 2</b> .....	38
Questionário elaborado para os médicos.....	38
<b>APÊNDICE 3</b> .....	40

TCLE para os médicos.....	40
APÊNDICE 4 .....	43
TCLE para os pacientes.....	43
ANEXO 1.....	46
Parecer consubstanciado do CEP.....	46

## 1. INTRODUÇÃO

A facilidade com que informações são transmitidas pela internet, foi se tornando cada vez maior desde o desenvolvimento desta. Esse processo ocorreu de forma muito veloz e colocou as pessoas como ativas na busca por respostas, o que não existe, por exemplo, com a televisão, em que o conteúdo é bem mais filtrado (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008). Até o século 19, apenas cerca de 500 revistas científicas estavam disponíveis a nível mundial. Hoje, já se somam 20 mil títulos somente da área médica e a maior parte está em ambiente virtual. Assim, pesquisadores passaram a ter de modo direto e rápido, informações que subsidiam a sua pesquisa combinadas a meios de comunicação e publicação (OLIVEIRA; GOLONI-BERTOLLO; PAVARINO, 2013).

Diante disso, a relação médico-paciente começa a sofrer mudanças frente ao maior uso da internet para informatização de assuntos da área de saúde. Apesar de confrontos entre médico e paciente não ocorrerem inicialmente, eles poderão ser vistos futuramente, já que os pacientes estão cada vez mais informados e deixam de confiar totalmente no profissional, questionando-o (NUNES, 2018). Porém, no momento, ambas as partes envolvidas concordam que as buscas prévias feitas na internet mostram uma melhora na comunicação, já que possibilita ao público discutir com os especialistas sobre um assunto que ele não domina (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013). Nesse cenário, cabe ao médico direcionar, esclarecer e discutir com o paciente sobre as informações adquiridas por eles na internet (FERNANDEZ *et al.*, 2017; MESKO; GY, 2019; BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020) e, dessa forma, estabelecer uma relação de confiança.

Entretanto, essa procura do paciente informado na internet pode ter tanto consequências positivas quanto negativas. Primeiramente, do ponto de vista positivo, há a alfabetização do paciente, uma vez que o médico pode orientar e direcionar uma pesquisa online pós-consulta (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013; LI *et al.*, 2014). Além disso, os médicos se sentem mais motivados a entrarem nas comunidades de saúde online, visando disseminar informações corretas, com embasamento científico (LI *et al.*, 2019). Os próprios hospitais que, cientes desse novo contexto informacional, estão investindo em assistência médica on-line, por meio de plataformas que promovem uma maior interação médico paciente (WALKER *et al.*, 2017).

Outro ponto positivo, apontado por Coelho; Coelho; Cardoso (2013), Marques Filho; Hossne (2015) e por Haluza *et al.* (2017), é que essa procura dos pacientes por informações de saúde faz com que haja uma maior discussão com médico, e isso aumenta o



desejo de estarem envolvidos nas decisões clínicas, fator que contribui para a adesão dos mesmos ao tratamento, uma vez que eles conseguem participar mais ativamente. Fatores psicológicos também se mostraram significativos ao afetar positivamente os pacientes, emoções boas, como alívio, podem estar presentes após a pesquisa sobre saúde on-line, além de intenções de maiores cuidados e comportamentos pró-saúde, assim como desejo de mudança para hábitos mais saudáveis por influência virtual (BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020).

Conquanto, pontos negativos também podem fazer parte dessa pesquisa virtual. Um deles é a necessidade que agora os médicos possuem de se adaptar à evolução digital, pois há a exigência de outras habilidades que anteriormente não eram ensinadas (MESKO; GY, 2019). Observou-se também, que o paciente sobrecarregado com o grande volume de informações que encontra na internet pode desencadear o sentimento de ansiedade e preocupação, assim como se deparar com dados negativos acerca de diagnósticos graves (MUNDLURU *et al.*, 2019). Soma-se a isso, a credibilidade das informações encontradas virtualmente é duvidosa, uma vez que a um vasto conteúdo sem filtro, assim, os pacientes tendem a buscar as informações que mais lhes agradam e que tenham mais semelhanças com seus próprios princípios (SILLENCE *et al.*, 2019).

Em paralelo a isso, dentro dessa grande quantidade de conteúdo, há riscos oferecidos por sites não confiáveis. Isso leva ao paciente acreditar em diagnósticos incorretos e tratamentos inapropriados, que geram grande angústia, ansiedade e medo (BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020). Outro risco oferecido por sites não confiáveis é o da automedicação, pois os pacientes acreditam nos sites que buscam, julgam não necessitar de um profissional de saúde para auxiliá-los e iniciam tratamentos inadequados (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013; SINGH; BANERJEE, 2019).

Durante os últimos tempos, com o surgimento da internet, o ser humano passou a ter acesso a um novo meio de informação que se caracteriza como amplo, rápido e por promover a facilidade da especificidade do assunto procurado. Com a internet, é possível pesquisar desde uma simples palavra até um texto completo. Essa amplitude se desenvolve aos diversos assuntos que rodeiam a humanidade e a saúde é um deles (MESKO; GY, 2019).

Na saúde, a internet vem sendo uma fonte fortemente impregnada para, com um simples sintoma, mostrar um universo de possibilidades de diagnósticos e tratamento, o que de certa forma vem “substituindo” o papel do médico. Porém, muitas vezes essa procura pela internet esclarece o indivíduo sobre as diversas formas de tratamento, o que o torna autônomo para tomar suas decisões e incluir, na relação médico-paciente, uma decisão mais compartilhada

acerca da conduta a ser adotada pelo paciente (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013; LI *et al.*, 2014).

Nessa perspectiva, nosso estudo aborda tanto a visão do paciente, quanto a do médico sobre como a procura por saúde na internet por pacientes previamente a uma consulta afeta a relação médico-paciente positiva e negativamente. Na literatura, há uma escassez de pesquisas sobre o assunto, principalmente em relação a perspectiva do médico, mostrando uma lacuna do conhecimento.

Portanto, diante de tantas influências do mundo digital na consulta médica e na relação médico paciente, este trabalho tem como objetivo descrever a percepção do médico e do paciente expert e as principais influências exercidas pelo uso da internet em consultas clínicas.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Surgimento da internet

A internet é a junção de uma rede mundial com capacidade de uma transmissão em larga escala, de um mecanismo para disseminação da informação e de uma forma de colaboração e interação entre indivíduos e computadores sem levar em conta a localização geográfica; ela permite que uma nova dimensão na vida social seja percebida, rica de múltiplas possibilidades (CASTRO; MARANHÃO; SOUSA, 2013).

Atualmente, é possível saber de tudo, a qualquer hora do dia, de qualquer lugar do planeta. Em 1993, quando a internet chegou para a população, existiam apenas três milhões de usuários. Já nos cinco anos seguintes, este número chegou a cem milhões. Desde então, essa tecnologia passou a se tornar cada vez mais acessível e com maior número de usuários (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008). Nas últimas décadas, com o advento da internet, o mundo presenciou um notável avanço tecnológico que ampliou o acesso à informação, principalmente nos últimos 10 anos (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008; SILVA; LOPES, 2011; PEREIRA NETO *et al.*, 2015).

Antigamente, antes do surgimento da internet, a informação era dada pelos chamados “intermediários institucionais” (como estações de televisão, rádios, editoras, escolas e bibliotecas) que controlavam o espaço público de comunicação. Dessa forma, eles tinham a função de filtragem e difusão entre os autores e os consumidores da informação. Com o surgimento do ciberespaço, houve maior autonomia dos usuários na busca de informação que foi rotulado de “desintermediação”. Esse fenômeno está em um processo de consolidação e, por isso, existem algumas divergências quanto aos seus benefícios ou seus malefícios para os usuários (SILVA; LOPES, 2011).

A saúde é uma das áreas onde há, cada vez mais, informação disponível para um número cada vez maior de pessoas (GARBIN; NETO; GUILAM, 2008). São incontáveis os sites sobre temas vinculados, de alguma forma, às questões relativas à saúde/doença. Alguns são elaborados e mantidos por empresários do setor de saúde, como as companhias privadas que oferecem produtos e informações (bancos de dados, jornais eletrônicos etc.). Outros são individuais, organizados por pacientes ou por profissionais de saúde. Existem, ainda, os grupos de autoajuda de pacientes portadores de uma determinada doença, fóruns interativos que oferecem informações e permitem, cada vez mais, a troca de experiências entre consumidores de serviços de saúde. Além disso, há inúmeras associações profissionais, organizações não

governamentais, universitárias, de pesquisa e agências governamentais que disponibilizam sua *homepage* (GARBIN; NETO; GUILAM, 2008; PEREIRA NETO *et al.*, 2015).

## **2.2 A relação médico-paciente frente ao acesso à informação na era da internet**

Diante desse novo cenário frente ao surgimento da internet e sua disseminação na sociedade, cidadãos assumem que buscam o meio tecnológico a fim de analisar a necessidade ou não de entrar em contato com médicos ou mesmo, após a consulta, para fazerem comparações com o diagnóstico dado pelo profissional, em casos de insatisfação com as recomendações obtidas (NUNES, 2018). Muitos efetuam buscas na internet sobre suas condições de saúde e de seus familiares antes de buscar profissionais de saúde, o que pode atuar de maneira negativa a partir do momento em que reduz as idas em consultas (BASTOS; FERRARI, 2011).

Nesse sentido, o maior empoderamento do paciente irá alterar a relação de submissão do paciente perante o médico (SINGH; BANERJEE, 2019). Isso pode ser benéfico, visto que a comunicação dentro do consultório se torna mais fácil, o que gera melhor desenvolvimento da autogestão da saúde e um acompanhamento mais individualizado (NUNES, 2018). A participação ativa não implica em ignorar a conduta médica, mas enriquecer o tratamento, tanto farmacológico quanto não farmacológico, e aumentar sua adesão. É importante lembrar que cabe ao paciente decidir acatar ou não as orientações dos profissionais, de forma que sua opinião deve ser mais valorizada, o que pode acontecer, agora, mediante ao uso da internet (HALUZA *et al.*, 2017; BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020).

Em relação ao tratamento, é visto que o uso da tecnologia estimula a luta contra a doença, assim como estimula a adesão do paciente ao tratamento (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013), o que pode, por fim, ser capaz de mudar o prognóstico de maneira positiva. Alguns adeptos à saúde digital afirmaram sensação de alívio promovida apenas ao efetuar buscas e encontrar respostas (BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020). Também é promovido um atendimento mais individualizado e fundamentado por um consenso de ideias entre o médico e o paciente, o que é extremamente vantajoso (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013; LI *et al.*, 2014; BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020).

Por outro lado, informações são encontradas em massa e algumas delas são de complexo entendimento, o que pode ser prejudicial para um leigo. Como um indivíduo em início de diagnóstico pode encontrar informações sobre o curso da doença, faz-se necessário que o médico procure saber se os pacientes têm feito esse tipo de pesquisa e quais os tipos de informações adquiridas. Alguns pacientes ficam receosos em assumir que buscaram respostas

no meio digital por temerem que o médico veja isso como falta de confiança (BASTOS; FERRARI, 2011).

Já que, nem sempre o leigo consegue identificar fontes confiáveis, podem ocorrer conflitos entre médicos e pacientes e, ainda, deixar estes sentimentalmente abalados e receosos, com ansiedade e medo ao entrar em contato com informações falsas (BUJNOWSKAFE FEDAK; WEGIEREK, 2020). Segundo Singh; Banerjee (2019), deve ser mantida uma postura cautelosa diante dessa realidade, visto que ainda não é possível prever o impacto disso no futuro.

Historicamente, a consulta médica se estabelecia de forma unilateral, em que se existia uma assimetria de informação entre o médico e o paciente em que deveria sempre estar presente a conformidade do paciente diante das orientações médica. Entretanto, com o advento da internet, o médico deixou de ser a única fonte de informação, o que de certa forma passou a gerar uma tensão na relação médico-paciente na concordância das condutas a serem tomadas diante da situação do paciente nessa nova realidade (LAUGESSEN; HASSANEIN; YUAN, 2015). Contudo, segundo Lu *et. al* (2018), mesmo diante da grande quantidade de informações fornecidas na internet, muitas vezes essas fontes não conseguem atender as demandas individuais de cada paciente além de haver o possível conflito de interesse sobre o que o indivíduo procura que o agrada mais.

Por isso, de acordo com os autores Coelho; Coelho; Cardoso (2013), Haluza *et al.* (2017), Tan; Goonawardene (2017), Mundluru *et al.* (2019) o papel do médico torna-se indispensável no auxílio para os pacientes sobre fontes confiáveis de informação, preferencialmente as que possuem os selos de aprovação pelo *Health On Net Foundation Code* (HON), *Discern Questionnaire* (DQ), ou que tenha qualquer consenso da sociedade da especialidade em questão (GIGLIO *et al.*, 2012). Além disso, mesmo que a decisão seja compartilhada entre as informações do paciente e o conhecimento médico, não se pode dispensar a credibilidade do médico em ser o responsável por interpretar as informações e os resultados, e assim tomar as decisões mais adequadas para o seu paciente (FERNANDEZ *et al.*, 2017), visto que cada indivíduo possui suas particularidades.

Contudo, mesmo com a essencialidade do médico na era digital, é válido ressaltar que existem desafios para adequar a consulta médica aos novos padrões da modernidade. Primeiramente, segundo Laugesen; Hassanein; Yuan (2015), a qualidade das habilidades médicas de comunicação, empatia e conhecimento possuem mais impacto na compreensão do paciente do que as informações adquiridas por ele na internet, pois uma vez estabelecida uma boa relação entre o médico e o paciente, além de haver uma troca de conhecimentos e

pensamentos, o paciente fica mais disposto a chegar em um acordo juntamente com seu médico sobre a melhor intervenção a ser tomada.

Além disso, é fundamental que seja aprimorado na formação médica alguns conteúdos pertinentes no mercado como habilidade de comunicação, uso de novas tecnologias e capacidade de analisar dados de pacientes e da população em geral (LOBO, 2018; MESKO; GY, 2019), já que diante dessa drástica mudança tecnológica, de acordo com Lobo (2018), Mesko; Gy (2019), as comunidades médicas carecem de protocolos e diretrizes que preparem e atualizem os médicos sobre a nova realidade.

### **2.3 Mudanças observadas na relação de confiança entre médico e o paciente**

Na perspectiva de mudança na relação médico paciente, é evidente que a saúde digital exerce um grande impacto no aspecto confiança entre os dois lados. Diante disso, uma vez que o e-paciente é um indivíduo cada vez mais informado sobre o processo de saúde e doença, suas necessidades e expectativas mudam (MESKO; GY, 2019), o que torna a responsabilidade do médico em direcionar, esclarecer e discutir com o paciente sobre as informações adquiridas por eles na internet (FERNANDEZ *et al.*, 2017; MESKO; GY, 2019; BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020). Entretanto, é válido evidenciar que alguns pacientes acreditam que quando o médico não esclarece satisfatoriamente sobre o seu problema (NUNES, 2018), para suprimir essa falta de centralidade do médico no paciente (LI *et al.*, 2014), findam em buscar informações no mundo virtual de forma que diminui a credibilidade do médico em não cumprir o que foi passado no consultório (TAN; GOONAWARDENE, 2017; NUNES, 2018).

Outra situação que influencia na relação entre médico-paciente ocorre quando existe uma pesquisa on-line prévia à consulta off-line, onde, em caso de consistência no diagnóstico, o desempenho do médico aumenta a confiança através da confirmação da expectativa dos pacientes. Porém, em casos de diagnóstico destoante daquele encontrado pelo paciente on-line ocorre um atrito em que, caso o médico não saiba lidar bem com a situação, há uma grande probabilidade de uma perda de confiança por parte do paciente (LU *et al.*, 2018).

Em vista disso, é notável que a confiança na relação médico-paciente é pautada na mudança do perfil do profissional para transmitir informações relevantes sobre o estado clínico do paciente (FERNANDEZ *et al.*, 2017), pois o médico deixa de ser um intermediário de conhecimento e torna-se um colaborador nas decisões do paciente no aspecto de não impor “o que deve fazer” e sim conversar com paciente “o como e o porquê fazer” (LOBO, 2018; MESKO; GY, 2019; PENG *et al.*, 2019), e isso é importante na consolidação da interação

médico-paciente, pois o médico mostra-se interessado no ponto de vista de seu paciente o que transforma a consulta em um trabalho de equipe para solucionar o estado clínico da melhor forma possível (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013; TAN; GOONAWARDENE, 2017; MESKO; GY, 2019; PENG *et al.*, 2019).

#### **2.4 Influências positivas *versus* influências negativas exercidas pela internet na relação médico paciente**

Atualmente, tornou-se inegável que a internet transformou a relação médico paciente em uma relação muito mais flexível e menos autoritária e hierarquizada. Hoje, essa relação deixou de ser simplesmente baseada na transmissão vertical de informações e passou a ser caracterizada por um compartilhamento e uma troca de informações entre o paciente e seu médico (MESKO; GY, 2019). Obviamente, tal mudança expõe pontos positivos e negativos dessa nova relação, principalmente pelo fato de que, agora, o paciente tem novas fontes de informação e mais autonomia de conhecimento em relação ao seu estado de saúde (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013).

Analisando os achados positivos exercidos pelo mundo virtual nessa nova relação médico-paciente, temos vários pontos. Um deles é a alfabetização em “e-Saúde” do paciente, processo em que o médico orienta e direciona uma pesquisa online pós-consulta, enfatizando a importância das fontes confiáveis, ensinando como encontrá-las e até elaborando listas de sites de sites seguros (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013; LI *et al.*, 2014).

Outro ponto positivo é que, com a influência da internet, agora os médicos estão mais motivados a entrarem nas comunidades de saúde online, visando melhorar e disseminar sua reputação, além de atrair mais pacientes. Essas novas comunidades são extremamente importantes para transmitir informações confiáveis dos próprios médicos, as quais são capazes de influenciar as decisões dos pacientes, sobretudo em relação à qualidade do serviço oferecido de acordo com descrições e avaliações de outros que já foram atendidos por tais médicos (LI *et al.*, 2019).

Somado à isso, tem-se hospitais que, cientes desse novo contexto informacional, estão investindo em ferramentas inovadoras para oferecer assistência médica online, por meio de plataformas que promovem uma maior interação médico paciente e que satisfaça a nova demanda de pacientes que desejam esse maior contato (WALKER *et al.*, 2017). Há também um consenso entre os profissionais de saúde, segundo Fernandez *et al.* (2017), de que as consequências dessa nova influência digital seja positiva para o paciente desde que ele não

questione o conhecimento do médico e não tome decisões sobre sua saúde sem antes consultá-lo.

Segundo Tan; Goonawardene (2017) adiciona que a busca por informações de saúde na internet tem grande potencial de melhorar a relação médico-paciente e que a internet tem sido vista como uma ferramenta que os ajudam a entender melhor as recomendações médicas. Outro ponto positivo, apontado por Haluza *et al.* (2017), é que cada vez mais os consumidores de serviços de saúde discutem informações encontradas na internet com seus médicos e desejam estar envolvidos nas decisões clínicas, fator que aumenta a adesão do paciente ao tratamento, uma vez que ele participa mais ativamente do seu tratamento.

Tal sentença também é compartilhada por Coelho; Coelho; Cardoso (2013) e por Marques Filho; Hossne, (2015), os quais afirmam que um paciente mais informado tem uma melhor capacidade de argumentação com o médico, fator que pode sim resultar em aumento da participação dos pacientes na tomada de decisão, maior encorajamento para lutar contra sua doença e melhores resultados no tratamento.

Em concordância, Peng *et al.* (2019) afirma que pacientes que possuem uma boa compreensão do conhecimento sobre saúde e sobre o seu próprio estado de saúde têm alta adesão não só ao tratamento, mas também ao processo diagnóstico e prognóstico. Ele adiciona que o suporte online de informações sobre saúde pode orientá-los para um melhor autogerenciamento e manutenção do autocuidado.

A maior disponibilidade de informações online sobre saúde também mudou o equilíbrio do poder de conhecimento, o qual antes era monopolizado apenas pelo médico e, hoje, passou a ser compartilhado com o paciente, o que mudou a relação de confiança existente; exemplo disso é a consistência no diagnóstico, em que o bom desempenho do médico aumenta a confiança através da confirmação da expectativa dos pacientes (LU *et al.*, 2018).

É importante destacar que, na China, já existem Comunidades de Saúde On-line, as chamadas OHC's, que são plataformas de telemedicina onde médicos prestam serviços de consultas virtualmente, consequência do aumento das exigências médicas e de políticas governamentais que apoiam e investem nesse tipo de serviço por meio de Diretrizes Estaduais. Tais comunidades remotas refletem positivamente na população, pois estimulam o agendamento de consultas presenciais quando se tem boas avaliações virtuais do atendimento, o que indica que o serviço é de qualidade (LI *et al.*, 2019).

Fatores psicológicos também se mostraram significativos ao afetar positivamente os pacientes: emoções boas (como de esperança e alívio) são desencadeadas após a pesquisa sobre saúde online, além de intenções de maiores cuidados e comportamentos pró-saúde, assim



como desejo de mudança para hábitos mais saudáveis por influência virtual (BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020). Observou-se também uma maior praticidade na obtenção e no acesso aos resultados de exames, uma vez que agora há a opção de visualizá-los online e enviá-los para o médico sem a explícita necessidade de ir até o consultório (NUNES, 2018).

Apesar de todos esses pontos positivos, muitos negativos também foram pontuados e merecem devida atenção. Um deles é a necessidade que agora os médicos possuem de se adaptar à evolução digital, assim como evoluir sua análise clínica, afinal, com novos perfis de pacientes informatizados, há a exigência de outras habilidades que anteriormente não eram ensinadas, como a de maior abertura para discussão de opções e dúvidas referentes ao caso clínico em questão (MESKO; GY, 2019).

Este é um dos motivos pelos quais Tan; Goonawardene (2017) afirmam que, agora, o modelo tradicional de consulta terá de mudar a sua estrutura. Observou-se também que a credibilidade das informações encontradas virtualmente é duvidosa, uma vez que os pacientes tendem a buscar as informações que mais lhes agradam e que tenham mais semelhanças com seus próprios princípios (SILLENCE *et al.*, 2019).

Outra questão importante a ser pontuada é a baixa expectativa apresentada pelos médicos acerca dos benefícios do envolvimento dos pacientes na saúde e o fato de eles acreditarem que isso pode gerar problemas, como desentendimentos e discordâncias acerca do tratamento (WALKER *et al.*, 2017). Notou-se, também, a ocorrência de prejuízos ao tratamento e à relação médico-paciente relacionadas às informações obtidas e à interpretação errônea feita pelo paciente; o sentimento de desconforto do prestador de serviço de saúde diante do confronto de sua conduta pelo paciente com base nas informações colhidas online; a pesquisa pós-diagnóstico sem orientação médica para avaliar a conduta adotada pelo profissional e a incerteza médica quanto ao julgamento dos pacientes quanto à veracidade de sua conduta em detrimento do que foi pesquisado virtualmente (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013; MOTA *et al.*, 2018).

Somado a isso, o paciente sobrecarregado com o grande volume de informações dispersas nas redes pode desencadear o sentimento de ansiedade e preocupação, assim como se deparar com dados negativos acerca de diagnósticos graves (MUNDLURU *et al.*, 2019). De acordo com Das *et al.* (2019), o uso da internet está associado a um menor entendimento, confiança e influência relatados pelo médico da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), uma vez que o excesso de informações pode confundir os acompanhantes e dificultar sua tomada de decisão nos casos em que eles devem responder por aqueles que se encontram sob cuidados intensivos.

Segundo Li *et al.* (2019), informações online sobre médicos em suas páginas pessoais podem afetar negativamente a decisão de um paciente sobre agendar uma consulta com ele. Assim, quando tais informações indicam serviços de baixa qualidade, os pacientes são influenciados a não agendarem a consulta, o que pode não representar fidedignamente a realidade e a qualidade daquele serviço, devido, principalmente, aos diversos vieses que podem ser abordados superficialmente. Por fim, tem-se outro grande ponto negativo oferecido pela internet para a relação médico-paciente: o risco oferecido por fontes não confiáveis e com informações sem credibilidade.

## **2.5 Riscos oferecidos por sites não confiáveis ou sem credibilidade e os motivos para os pacientes pesquisarem na internet**

É evidente que informações sem credibilidade e inequívocas são disseminadas pela internet frequentemente. Nesse contexto, nota-se que muitos pacientes possuem acesso a essas informações e não conseguem discernir o que é confiável do que não é. Isso os leva, muitas vezes, a acreditarem em diagnósticos incorretos e tratamentos inapropriados, gerando, conseqüentemente, reações emocionais no paciente, como sentimentos de angústia, ansiedade e medo, além de possibilitar uma menor adesão ao tratamento e outras atitudes por insegurança e receio. Fatores esses, que prejudicam a terapêutica (BUJNOWSKA-FEDAK; WEGIEREK, 2020).

Constatou-se, também, uma incerteza médica quanto ao julgamento dos pacientes sobre as informações acessadas quanto à sua veracidade (MOTA *et al.*, 2018). Pacientes por não serem capazes de diferenciar as fontes de informações confiáveis, se deparam com informações contraditórias, o que os levam a indagar e duvidar do médico no momento da consulta. Além de ficarem confusos, sabe-se que nem todos discutem com o médico sobre seus questionamentos e não esclarecem suas dúvidas, o que dificulta a condução da consulta (CHEHUEN NETO *et al.*, 2010).

Outro risco oferecido por sites não confiáveis é o da automedicação, como apontam os estudos de Coelho; Coelho; Cardoso (2013) e Singh; Banerjee (2019). Muitos médicos acreditam que a busca virtual por informações de saúde pode culminar em um aumento da automedicação, pois os pacientes acreditam no que buscam, julgam não necessitar de um profissional de saúde para auxiliá-los e iniciam tratamentos inadequados. Por vezes, eles apoiam-se em conselhos a partir das semelhanças que existem com seus próprios princípios, e tornam tal fato como uma verdade absoluta, sem nem sequer procurar saber de outras fontes, que não a internet, ou em diretrizes de sites da saúde (SILLENCE *et al.*, 2019).

No estudo de Giglio *et al.* (2012), foram analisadas informações procuradas acerca das doenças diabetes mellitus (DM), hipertensão arterial sistêmica (HAS) e infarto agudo do miocárdio (IAM) – doenças de extrema prevalência no Brasil -, e avaliaram a qualidade das informações disponíveis em português. O resultado apontou que a maioria é inadequada e/ou insuficiente, ratificando, mais uma vez, o risco de se apoiar em informações incertas e duvidosas e expondo a importância da presença de um médico.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Descrever a percepção do médico e do paciente expert e as principais influências exercidas pelo uso da internet em consultas clínicas.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Descrever o perfil sociodemográfico da população do estudo;
- Identificar a prevalência da procura por informações em ambientes virtuais sobre a saúde em relação ao paciente;
- Identificar os assuntos de saúde mais procurados na internet e a sua utilização pelo paciente;
- Esclarecer sobre o impacto do paciente informado na relação médico-paciente.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1 Tipo de estudo**

Esta pesquisa tratou-se de um estudo observacional, descritivo e transversal, de natureza quantitativa. O estudo foi realizado no Ambulatório Universitário Central, no município de Anápolis – GO.

### **4.2 População de estudo**

A população foi constituída de pacientes e médicos do Ambulatório Universitário Central de Anápolis – GO. Para estabelecer o tamanho da amostra, houve uma coleta de dados referindo a média de pacientes atendidos por especialidade durante dois meses de atendimento e todos os médicos disponíveis no ambulatório em diferentes especialidades, sendo uma amostra de conveniência.

### **4.3 Coleta de dados**

Para coletar os dados foram estabelecidos dois questionários específicos pelos pesquisadores contendo perguntas objetivas direcionadas tanto para os pacientes (Apêndice 1), quanto para os médicos (Apêndice 2). O questionário destinado aos pacientes foi validado por Moretti, Oliveira, Silva (2012), adaptado e traduzido pelos pesquisadores. Enquanto o questionário dos médicos foi elaborado originalmente.

Como critérios de inclusão para o estabelecimento da amostra foram: pacientes atendidos por todos os médicos disponíveis no ambulatório em diferentes especialidades de cardiologia, dermatologia, pneumologia, gastroenterologia, endocrinologia, nefrologia, neurologia, infectologia, hematologia, reumatologia e pediatria que são exclusivos do Ambulatório Universitário Central de Anápolis atendidos durante 2 meses e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Já os critérios de exclusão foram os indivíduos que não se encaixaram nos requisitos acima ou que não responderam adequadamente ao questionário e pacientes que apresentaram alguma discordância quanto ao método da pesquisa.

Os pacientes submetidos à pesquisa foram abordados na sala de espera e foi feita uma explanação a respeito da pesquisa. Em caso de confirmação da participação, eles tiveram um tempo para o preenchimento do questionário em total sigilo e respeito à privacidade. Já os médicos que foram submetidos à pesquisa no Ambulatório Universitário Central tiveram seus consultórios como espaço no seu intervalo de descanso e foi disponibilizado um tempo de 5 a

10 minutos para o preenchimento do questionário em total sigilo e respeito a privacidade do participante. Ambos os questionários eram autoaplicáveis e todos, tanto os pacientes, quanto os médicos, receberam panfletos informativos contendo sites confiáveis para pesquisa sobre saúde na internet ao final de entrevista.

Os parâmetros avaliados em relação aos pacientes e aos médicos foram: o comportamento dos indivíduos pela busca das informações, a quantidade de tempo em dias e horas gastas na internet, a qualidade e confiança das informações, a troca de informações entre o lado do paciente e o do médico, a comparação da quantidade de pacientes que buscam informação entre as especialidades, o comportamento do médico quando recebe o paciente informado no seu consultório, a concordância entre a informação trazida pelo paciente e a que é orientada pelo médico, o impacto que a troca de informação causa na relação médico-paciente, o conhecimento e o interesse do médico em averiguar informações online e a opinião do médico se o paciente expert na consulta é algo positivo ou negativo.

#### **4.4 Aspectos éticos**

Essa pesquisa atendeu as orientações da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A participação foi voluntária mediante a assinatura do TCLE para os médicos (Apêndice 3) e para os pacientes (Apêndice 4). O presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA e recebeu o parecer de aprovação número 5.288.589/2022 (Anexo 1).

#### **4.5 Análise de dados**

Os dados foram transcritos para planilha em Programa MS Excel Office XP. Posteriormente, os dados foram analisados através do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 16.0. Para a realização da análise estatística descritiva foi adotado o teste qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Foi utilizado o nível de significância o valor 5% ( $p < 0,05$ ) para todas as análises.

## 5. RESULTADOS

### Pacientes

De acordo com os dados obtidos no questionário, a população foi constituída por 109 pacientes atendidos no Ambulatório Universitário Central de Anápolis-GO. Observou-se predominância no sexo feminino de 80,7%, 47,7% na faixa etária de 40 a 59 anos e ensino médio de 42,2%, como evidenciado na Tabela 1.

**Tabela 1:** Características sociodemográficas dos pacientes atendidos no Ambulatório Universitário Central, Anápolis/GO (n = 109).

Variáveis	n	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	88	80,7
Masculino	21	19,3
<b>Faixa etária</b>		
18-39	39	35,8
40-59	52	47,7
≥ 60	18	16,5
<b>Escolaridade</b>		
Ensino fundamental	28	25,7
Ensino médio	46	42,2
Ensino superior	29	26,6
Nenhuma	06	5,5

Em relação ao número de horas que eles ficam por dia navegando na web é de menos de horas por dia (34,9%). Já a maioria deles usam internet há mais de sete anos, cerca de 66,1%. Sobre a frequência em que esses pacientes pesquisaram informações sobre saúde online, 28,4% dos entrevistados procuraram pelo menos 1 vez durante a semana passada, de acordo com a Tabela 2.

**Tabela 2:** Frequência e tempo de uso dos pacientes atendidos no Ambulatório Universitário Central Anápolis/GO que acessam informações sobre saúde na internet (n = 109).

<b>Parâmetros</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Cerca de quantas horas por dia (casa ou no trabalho) costuma checar os e-mails e navegar na web?</b>		
Menos de 2 horas por dia	38	34,9
2 a 4 horas por dia	35	33,1
5 a 6 horas por dia	08	7,3
Mais de 6 horas por dia	18	16,5
Não usa a web	10	9,2
<b>Uso internet há quanto tempo?</b>		
Menos de 6 meses	06	5,5
6 a 12 meses	05	4,6
1 a 3 anos	13	11,9
4 a 6 anos	13	11,9
7 ou mais anos	72	66,1
<b>Com que frequência você pesquisou informações sobre saúde online na última semana?</b>		
2 ou 3 vezes durante a semana passada	20	18,3
Mais de 3 vezes durante a semana passada	19	17,4
Não aplicável; não procuro informação de saúde na internet	14	12,8
Não pesquisou durante a semana passada	25	22,9
Uma vez durante a semana passada	31	28,4

Quando foi perguntado se discutem os resultados das pesquisas na internet por informações médicas/de saúde com o médico 69,9% afirmaram que não. E após a consulta médica, 50,5% afirmam que usam a internet para buscar uma segunda opinião. Além disso, a maioria dos pacientes procura na *web* informações especificamente sobre medicamentos (75,2%) e, 58,7% desses, discutem com seus médicos as informações encontradas. Apesar de possuir uma busca ativa sobre medicamentos na internet, a maioria (73,4%) nunca comprou através da farmácia on-line, como visto na Tabela 3.



**Tabela 3:** Distribuições dos casos de acordo com as pesquisas sobre saúde realizadas na internet pelos pacientes atendidos no Ambulatório Universitário Central, Anápolis/GO (n = 109).

<b>Parâmetros</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Discuti os resultados das minhas pesquisas na internet por informações médicas/de saúde com meu(s) médico(s):</b>		
Sim	33	30,3
Não	76	69,9
<b>Eu uso a internet para buscar segundas opiniões sobre diagnósticos médicos</b>		
Sim	55	50,5
Não	54	49,5
<b>Eu uso a web para pesquisar informações sobre medicamento</b>		
Sim	82	75,2
Não	27	24,8
<b>Discuto as informações sobre medicamentos quando encontro com meu(s) médico(s)</b>		
Sim	45	41,3
Não	64	58,7
<b>Eu compro medicamentos por meio de serviços de farmácia on-line</b>		
Sim	29	26,6
Não	80	73,4

Em relação ao idioma das informações de saúde, 53,2% concordam que a maioria das informações na web são no seu idioma principal, e 48,6% concordam que as informações na internet precisam melhorar. Já quando analisado o acesso de informações médicas de qualidade na internet realizados pelos pacientes, 36,7% discordam que se sentem mais seguros e confiantes quando pesquisam informações na internet antes da consulta médica. Ainda, 32,1% discordam sentir desconforto na consulta quando levam uma informação encontrada na internet, como mostra a Tabela 4.

**Tabela 4:** O acesso as informações médicas de qualidade na internet realizados pelos pacientes e seu impacto nas consultas no Ambulatório Universitário Central, Anápolis/GO (n = 109).

<b>Parâmetros</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Encontrei informações médicas/de saúde úteis na internet e no meu idioma principal</b>		
Concordo totalmente	23	21,1
Concordo	58	53,2
Discordo totalmente	01	0,9
Discordo	07	6,4
Não sei	20	18,3
<b>A qualidade das informações médicas de saúde na internet precisa melhorar</b>		
Concordo totalmente	26	23,9
Concordo	53	48,6
Discordo totalmente	02	1,8
Discordo	10	9,2
Não sei	18	16,5
<b>Me sinto mais seguro e confiante quando pesquiso informações na internet antes da consulta médica</b>		
Concordo totalmente	17	15,6
Concordo	22	20,2
Discordo totalmente	16	14,1
Discordo	40	36,7
Não sei	14	12,8
<b>Sinto um desconforto na consulta quando trago uma informação que encontrei na internet</b>		
Concordo totalmente	14	12,8
Concordo	22	20,2
Discordo totalmente	10	9,2
Discordo	35	32,1
Não sei	28	25,7

Referente a frequência em que os pacientes procuram informações de saúde na internet, o sexo feminino procurou mais duas ou três vezes durante a semana passada (90%), e o masculino mais de três vezes (26,3%), não evidenciando uma diferença significativa entre os grupos ( $p=0,755$ ). Também foi possível observar que a maioria do sexo feminino não discutiu com seu médico sobre informações de saúde procuradas na internet, cerca de 82,9%, e dos

homens discutiram menos 24,2%, não evidenciando uma diferença significativa entre os grupos ( $p=0,385$ ). Acerca da busca na internet para uma segunda opinião sobre diagnósticos médicos, 74,5% das mulheres responderam sim contra 25,5% dos homens, enquanto 87% de mulheres e 23% era de homens responderam que não buscam, não evidenciando uma diferença significativa entre os grupos ( $p=0,098$ ) (Tabela 5).

Sobre o uso da *web* para procurar informações de medicamentos e a discussão sobre com seus médicos, o sexo feminino prevaleceu nas duas variáveis, entretanto, mesmo tendo apresentado uma alta porcentagem em relação ao sexo masculino, estatisticamente não apresentou relevância significativa, com ( $p=0,910$  e  $p=0,250$ ). Quando comparado o sexo em relação a compra de medicamentos através da farmácia online o sexo feminino apresentou predominância nas duas variáveis, entretanto, sem significância estatística, como é possível observar na Tabela 5 ( $p=0,185$ ).

**Tabela 5:** Comparação entre os sexos sobre a relação da frequência por semana com os objetivos e desfechos na relação médico paciente frente as pesquisas de informações sobre saúde na internet pelos pacientes e seu impacto nas consultas no Ambulatório Universitário Central, Anápolis/GO (n = 109).

Parâmetros	Sexo		p
	Feminino n (%)	Masculino n (%)	
<b>Frequência de pesquisa de informações online sobre saúde na última semana</b>			
1 vez	25 (80,6)	06 (19,4)	
2 a 3 vezes	18 (90,0)	02 (10,0)	
Mais de 3 vezes	14 (73,7)	05 (26,3)	0,755
Não aplicável	11 (78,6)	03 (21,4)	
Não pesquisou	20 (80,0)	05 (20,0)	
<b>Discussão das informações da internet com o médico</b>			
Sim	25 (75,8)	08 (24,2)	
Não	63 (82,9)	13 (17,1)	0,385
<b>Uso a Internet para buscar segundas opiniões</b>			
Sim	41 (74,5)	14 (25,5)	
Não	47 (87,0)	7 (13,0)	0,098

Continuação da Tabela 5:

<b>Informações sobre medicamento</b>			
Sim	66 (80,5)	16 (19,5)	0,910
Não	22 (81,5)	05 (18,5)	
<b>Discuto as informações sobre medicamentos</b>			
Sim	34 (75,6)	11 (24,4)	0,250
Não	54 (84,4)	10 (15,6)	
<b>Eu compro medicamentos por meio de serviços de farmácia on-line</b>			
Sim	21 (72,4)	08 (27,6)	0,185
Não	67 (83,8)	13 (16,3)	

Em relação a faixa etária, de 18 a 39 anos foi o intervalo de idade em que mais procurou informações de saúde durante a semana, cerca de 3 vezes, com 23,1% ( $p=0,193$ ). Já quem procurou menos foi de 60 anos ou mais, pois não procuraram nenhuma vez durante a semana 38,9%. Já sobre a discussão com seus médicos, de 18 a 39 anos foi a que mais discutiu as informações (33,3%), e de 60 anos ou mais foi a que menos discutiu ( $p=0,388$ ). Entretanto, de 40 a 59 anos foi a que mais buscou segundas opiniões na internet (57,7%), em contraponto, de 60 anos ou mais que menos buscou (72,2%), assim como evidenciado na Tabela 6 ( $p=0,091$ ).

Já em relação aos medicamentos, de 18 a 39 anos foi o intervalo de idade que mais buscou informações sobre medicamento (82,1%), e 60 anos ou mais foi o que menos procurou (44,4%), com  $p=0,110$ . Sobre o serviço de farmácia online, de 18 a 39 anos foi o intervalo de idade que mais comprou (48,7%), já de 60 anos ou mais foi a que menos comprou (72,2%), como mostrado na Tabela 6 ( $p=0,323$ ).

**Tabela 6:** Comparação na faixa etária sobre a relação da frequência por semana com os objetivos e desfechos na relação médico paciente frente as pesquisas de informações sobre saúde na internet pelos pacientes e seu impacto nas consultas no Ambulatório Universitário Central, Anápolis/GO (n = 109).

Parâmetros	Faixa Etária			<i>p</i>
	18-39 n (%)	40-59 n (%)	≥ 60 n (%)	
<b>Frequência de pesquisa de informações online sobre saúde na última semana</b>				
1 vez	14 (35,9)	14 (26,9)	03 (16,7)	
2 a 3 vezes	08 (20,5)	09 (17,3)	03 (16,7)	
Mais de 3 vezes	09 (23,1)	08 (15,4)	02 (11,1)	0,193
Não aplicável	05 (12,8)	06 (11,5)	03 (16,7)	
Não pesquisou	03 (7,7)	15 (28,8)	07 (38,9)	
<b>Discussão das informações da internet com o médico</b>				
Sim	13 (33,3)	17 (32,7)	03 (16,7)	0,388
Não	26 (66,7)	35 (67,3)	15 (83,3)	
<b>Uso a internet para buscar segundas opiniões</b>				
Sim	20 (51,3)	30 (57,7)	05 (27,8)	0,091
Não	19 (48,7)	22 (42,3)	13 (72,2)	
<b>Informações sobre medicamento</b>				
Sim	32 (82,1)	40 (76,9)	10 (55,6)	0,110
Não	07 (17,9)	12 (23,1)	08 (44,4)	
<b>Eu compro medicamentos por meio de serviços de farmácia on-line</b>				
Sim	19 (48,7)	21 (40,4)	05 (27,8)	0,323
Não	20 (51,3)	31 (59,6)	13 (72,2)	

### Médicos

De acordo com os dados obtidos nos questionários destinados aos médicos, a população foi constituída por 18 médicos no Ambulatório Universitário Central de Anápolis – GO. Observou-se uma predominância do sexo masculino (77,8%), na faixa etária de 41 a 50 anos (44,4%), como evidenciado na Tabela 7.

**Tabela 7:** Características sociodemográficas dos médicos que atendem no Ambulatório Universitário Central, Anápolis/GO (n=18).

Variáveis	n	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	04	22,2
Masculino	14	77,8
<b>Faixa etária</b>		
31-40	07	38,9
41-50	08	44,4
≥ 51	03	16,7

A maioria dos profissionais entrevistados afirmou receber muitos pacientes que já pesquisaram na internet, sendo feita essa afirmação em 94,4% dos questionários. Acerca da confiabilidade das informações, 77,8% dos profissionais entrevistados não confiam nas informações trazidas das pesquisas realizadas na internet pelos pacientes. Enquanto isso, a maioria dos médicos (66,7%) oferecem algum tipo de suporte on-line para os pacientes (Tabela 8).

**Tabela 8:** A influência das pesquisas feitas na internet pelos pacientes na visão do médico no Ambulatório Universitário Central, Anápolis/GO (n = 18).

Parâmetros	n	%
<b>Você costuma receber muitos pacientes que já pesquisaram na internet?</b>		
Sim	17	94,4
Não	01	5,6
Não sei	-	-
<b>As informações que o paciente traz são de fontes conhecidas por você?</b>		
Sim	08	44,4
Não	08	44,4
Não sei	02	11,1
<b>As informações trazidas são consideradas confiáveis?</b>		
Sim	02	11,1
Não	14	77,8
Não sei	02	11,1

Continuação da Tabela 8:

<b>Você já teve que discutir com algum colega médico sobre uma informação da internet trazida por um paciente?</b>		
Sim	08	44,4
Não	10	56,6
Não sei	-	-
<b>Você oferta algum suporte on-line para seus pacientes?</b>		
Sim	12	66,7
Não	06	33,3
Não sei	-	-
<b>Você costuma sempre se atualizar sobre novas informações relacionadas a sua especialidade pela internet?</b>		
Sim	17	94,4
Não	01	5,6
Não sei	-	-
<b>Você costuma contradizer alguma informação da internet trazida pelo paciente?</b>		
Sim	17	94,4
Não	01	5,6
Não sei	-	-
<b>O confronto com algum paciente sobre uma informação da internet lhe gerou incômodo?</b>		
Sim	10	55,6
Não	08	44,4
Não sei	-	-

No que se diz respeito aos médicos sempre se atualizarem acerca de novas informações relacionadas a sua especialidade pela internet, 94,4% responderam que sim. Ademais, ainda 94,4% relatam confrontar os pacientes quando estes trazem informações encontradas na internet, porém quase 60% deles afirmam sentir desconforto com essa situação. Além disso, com muita frequência os pacientes aparecem no consultório informados previamente através da internet (83,3%). Ainda, foi visto que a maioria dos médicos concorda ou concorda totalmente que a qualidade das informações fornecidas na internet precisa melhorar, somando 88,9% dos entrevistados, como mostra a Tabela 9.

Entretanto, quando perguntados sobre o fato de o paciente trazer informações da internet causar algum desconforto na relação médico-paciente, 55,6% discordam. Observa-se também, que os médicos acham que os pacientes se tornam mais ativos na consulta médica quando previamente informados pela web, visto que cerca de 55,6% concordam. Porém, há uma preocupação quanto ao aumento do risco de automedicação inadequada quando o paciente se informa pela internet, sendo que 72% concordam e os demais concordam totalmente com essa questão (Tabela 9).

**Tabela 9:** O impacto das pesquisas feitas na internet pelos pacientes na visão do médico no Ambulatório Universitário Central, Anápolis/GO (n = 18).

<b>Parâmetros</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Com que frequência esses pacientes aparecem já informados anteriormente?</b>		
Muita frequência	15	83,3
Pouca frequência	03	16,7
Nenhuma frequência	-	-
Não sei	-	-
<b>O paciente trazer informações da internet causa algum desconforto na relação médico-paciente?</b>		
Concordo totalmente	01	5,6
Concordo	05	27,8
Discordo totalmente	02	11,1
Discordo	10	55,6
Não sei	-	-
<b>Você acha que o comportamento do paciente se torna mais ativo na consulta quando ele já está previamente informado?</b>		
Concordo totalmente	06	33,3
Concordo	10	55,6
Discordo	01	5,6
Discordo totalmente	-	-
Não sei	01	5,6
<b>Você acredita que o paciente se informar pela internet aumenta o risco de automedicação inadequada?</b>		
Concordo totalmente	05	27,8
Concordo	13	72,2



Continuação da Tabela 9:

Discordo totalmente	-	-
Discordo	-	-
Não sei	-	-
<b>Você acredita que a qualidade das informações fornecidas na internet precisa melhorar?</b>		
Concordo totalmente	10	55,6
Concordo	06	33,3
Discordo totalmente	-	-
Discordo	01	5,6
Não sei	01	5,6

## 6. DISCUSSÃO

O presente estudo apontou que as informações sobre saúde na internet são, de fato, muito pesquisadas. A facilidade de acesso às informações permite que os pacientes procurem sobre medicamentos, segundas opiniões, doenças e diversos outros fatores que englobem a área médica. Mas essa mesma facilidade, dificulta filtrar o que é um conteúdo de qualidade ou não, o que é verdadeiro e o que não é. Os próprios médicos, que afirmam receber muitos pacientes que pesquisam, não confiam nas informações que são trazidas em consultório. Cabe a eles, portanto, orientar sobre a importância da busca em sites de qualidade e que não estimulem condutas errôneas, tais como a automedicação.

Os dados coletados apontaram uma predominância de pacientes do sexo feminino entre a faixa etária de 40-59. Constatou-se que a escolaridade prevalente foi ensino médio completo, seguido por ensino fundamental completo. Nesse sentido, os pacientes que responderam os questionários foram avaliados de acordo com a frequência em que pesquisam informações sobre saúde online na semana anterior e atestou-se que a grande maioria teve acesso à pesquisa pelo menos uma vez, sendo que o tempo de uso diário mostrou relativamente alto, o que se apresenta em consonância com o estudo de Coelho, Coelho, Cardoso (2013), em que mais da metade dos pacientes relatam acessar a *web* todos os dias.

Dentre os pacientes que levaram sua pesquisa para discutirem durante a consulta médica, muitos estudos trouxeram pontos positivos, pois percebeu-se que essas buscas levam os pacientes a questionarem e entenderem mais sobre o diagnóstico e terapêutica (GIGLIO *et al.*, 2012; BASTOS; FERRARI, 2011; MARQUES; HOSSNE, 2015). Além disso, foi constatado que o paciente informado é aquela pessoa reflexiva, que indaga sobre suas dúvidas acerca de sua vida e do contexto médico, mas que, ao mesmo tempo, recorre ao médico para averiguar seus achados. Ou seja, sua informação prioritária e conclusiva é essencialmente do médico. Nesse contexto, para Pereira Neto *et al.* (2015), não há um desequilíbrio ou impacto na relação médico-paciente, haja vista que existe uma cultura de autoridade médica e essa hierarquia é preservada e profissionalmente respeitada.

As informações procuradas são, na verdade, uma ferramenta de empoderamento e independência do paciente, que o incentiva a aprender e adquirir conhecimentos, melhorando, até sua qualidade de vida (GIGLIO *et al.*, 2012). Paradoxalmente, nosso estudo revelou que a maioria das pessoas não discutem o que procuram na internet com seu médico, o que, por um lado, pode significar tanto um esclarecimento completo de dúvidas, durante a consulta, sobre os achados na web, quanto um receio de questionamento por parte dos pacientes frente a uma

autoridade médica. Esse último, por sua vez, é extremamente negativo, já que o paciente pode não ter uma resposta sobre suas indagações.

Em relação a compra de medicamentos por meio de serviços de farmácia online, observou-se no presente estudo que a maior parte dos pacientes do Ambulatório Universitário Central não realiza esse tipo de compra. Em contrapartida, o estudo de Tomé (2020) revelou um aumento significativo na aquisição desses medicamentos, isso devido a diversos fatores, tais como promoções atrativas, praticidade e disponibilidade de inúmeras plataformas de e-commerce. Ao mesmo tempo, a busca sobre informações de medicamentos mostrou-se alta no cenário em pesquisa, dessa forma, percebe-se que a compra virtual pode não ser uma prática comum dentre os pacientes, mas entender as informações sobre um fármaco, suas interações, seus efeitos colaterais, é extremamente habitual.

No que se refere à utilidade de informações médicas e de saúde pesquisadas na internet, foi constatado na pesquisa que a maioria dos pacientes concorda em ter encontrado informações úteis acerca de suas condições e em seu idioma principal. Esse ponto, por sua vez também se demonstrou na literatura principalmente sobre doenças, sintomas e medicamentos. (NUNES, 2018). Entretanto, esse questionamento mostrou-se controverso, visto que mesmo que a maioria dos pacientes tenha relatado encontrar informações úteis ao pesquisar, quando perguntados sobre a necessidade de melhora dessas informações na internet, quase metade de todos os entrevistados concordaram.

Em estudos anteriores, pacientes também apresentaram dificuldade de encontrar fontes confiáveis e que esclarecessem todas as suas dúvidas (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013). Nessa perspectiva, é cabível reafirmar a necessidade dos pacientes de conferir a credibilidade das informações por eles pesquisadas, assim como os médicos devem orientar sobre como utilizar páginas mais confiáveis (GIGLIO *et al.* 2012).

Quando questionados sobre o sentimento de autoconfiança do paciente ao se informar anteriormente a uma consulta, foi constatado na pesquisa que a maioria discorda dessa afirmação, o que contradiz a literatura, já que ela traduz o empoderamento do paciente como uma maneira de reformular a relação médico-paciente, em que o conhecimento e buscas prévias, permitem uma participação maior e mais ativa nas consultas (HALUZA *et al.*, 2017). Já quando se questionou sobre o sentimento de desconforto, durante uma consulta, ao trazerem informações da internet, a maioria dos pacientes entrevistados negou terem percebido, mas, não muito distante, quase a mesma quantidade concordou em sentir. Nesse contexto, a literatura evidenciou um desconforto presente, que é percebido até por parte dos médicos (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013). Assim, é inadequado afirmar com veracidade que há um

incômodo ou constrangimento notório em consultas, frente a informações externas. A conclusão se dará, portanto, diante da particularidade de cada médico, da forma como cada um lida com essas pesquisas e da confiança que o próprio paciente tem ao trazer uma informação.

Em relação a percepção dos médicos, observou-se uma predominância do sexo masculino entre a faixa de 41 a 50 anos, em relação as características sociodemográficas. Isso demonstra uma diferença importante entre o sexo e idade dos médicos entrevistados.

Como a maioria os entrevistados afirmaram receber pacientes informados com muita frequência, é evidente a tendência de cada vez mais os profissionais se adequarem a essa nova realidade, em que é indispensável o médico perguntar para seu paciente se tem fácil acesso à internet, como o faz e o interesse em pesquisar sobre saúde (BASTOS; FERRARI, 2011). Porém muito mais do que saber se o paciente procura por informações, deve-se sempre saber a qualidade e as fontes das referências trazidas por eles. Uma vez que a grande maioria dos médicos afirmaram não confiar nas informações trazidas pelos seus pacientes e quase metade não ter conhecimento sobre as fontes, é notório que a qualidade das informações sobre saúde é em sua maioria insatisfatória, seja na quantidade ou na qualidade (GIGLIO *et al.*, 2012).

Outra questão importante que foi constatado na literatura é que uma das grandes preocupações dos profissionais é a tomada de decisão dos pacientes frente a informações adquiridas por eles na internet (BASTOS; FERRARI, 2011), algo que foi visto na pesquisa pela preocupação de uma automedicação inadequada, em que a maioria dos entrevistados afirmaram. Contudo, esse tipo de atitude também é visto como um empoderamento dos pacientes, pois reformula o modelo tradicional da relação médico-paciente em que as condutas passam a ser uma decisão compartilhada entre os médicos e os pacientes (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008), algo que a maioria dos médicos entrevistados afirmaram haver uma postura mais ativa dos pacientes.

Já no que se refere à relação médico-paciente em si, é indiscutível a mudança da postura tanto dos médicos quanto dos pacientes e o que isso gera durante a consulta. De um lado, é possível perceber a necessidade de uma mudança na abordagem do paciente, em que o médico deve muito mais além do que analisar o organismo, existem também as necessidades sociais, cognitivas e emocionais (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008), algo que pode ser constatado pela minoria de profissionais entrevistados terem relatado haver algum desconforto na consulta com esses pacientes informados. Entretanto, quando esses pacientes decidem por si mesmos e até confrontam as decisões dos médicos diante de suas condutas, é observado um incômodo por parte dos médicos nessa situação o que muitas vezes implica na

ocorrência de tratamento inadequado (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013), como foi averiguado pela maioria dos entrevistados.

Contudo, tanto a maioria dos médicos quanto dos pacientes concordaram que as informações sobre saúde na web precisam melhorar, pois nem todas as informações são de fácil compreensão e o número de informações é maior do que se pode imaginar. Por isso, as informações da web devem ser sempre analisadas com cuidado e isso mostra como o papel do médico é indispensável para oferecer mais esse suporte que os pacientes precisam (BASTOS; FERRARI, 2011).

Entretanto, essa pesquisa possui algumas limitações, no que se refere a um único local da pesquisa no Ambulatório Universitário Central de Anápolis/GO. O número baixo de participantes na pesquisa isso porque, devido a pandemia da COVID-19, muitos pacientes deixaram de frequentar ambientes de saúde por receio, e, assim, acabam não indo às consultas marcadas. Com isso, o número de pessoas que frequentam o ambulatório diminui e a aplicação dos questionários fica limitada. Ademais, alguns pacientes se recusaram a responder e outros deixaram perguntas em banco, o que dificulta a análise de dados.

Além disso, esse trabalho também apresenta pontos fortes a serem demonstrados, como o uso da internet fazer uma melhoria dos serviços da saúde e ser um importante instrumento de apoio para a medicina baseada em evidência, por meio de pesquisa em sites de saúde confiáveis. Na área da saúde, a interação pela internet – que possibilita a troca de experiências entre pacientes com problemas semelhantes e que facilita o debate entre especialistas e enfermos – foi apontada como uma poderosa estratégia para manejar diversas condições clínicas, oferecendo melhorias na qualidade de vida dos usuários, promovendo maior autonomia, pró-atividade e autoconfiança entre os participantes. Frente a essa realidade, sugerimos a necessidade dos portais de saúde utilizarem selos de certificação de conformidade – conferidos por meio de critérios estabelecidos por organizações especializadas.

Enfim, podemos afirmar que essa pesquisa poderá contribuir muito com esse conhecimento, considerando que há poucos outros estudos disponíveis sobre esse tema nas fontes de pesquisa

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que o avanço da internet auxilia muito o acesso à informação sobre saúde, visto que há um grande número de sites onde se pode encontrar qualquer tipo de conhecimento. Entretanto, deve-se sempre atentar as fontes de pesquisa utilizadas, uma vez que, muitos sites apresentam informações de baixa credibilidade científica.

Outro ponto resultante da pesquisa, foi que, apesar dos pacientes e dos médicos declararem sobre um desconforto na consulta, o paciente previamente informado é mais participativo, tendo como principal questão abordada as informações providas da internet sobre medicamentos, inclusive sendo essa uma das maiores preocupações dos médicos pelo alto risco de automedicação inadequada ou então até mesmo um questionamento sobre a conduta do médico e uma possível utilização inadequada da conduta prescrita.

Com isso, é comprovável que, apesar de todas as inovações tecnológicas dessa nova era sobre o acesso à informação, é visível que o paciente informado possui um impacto tanto positivo, quanto negativo nas consultas clínicas e a função do médico torna-se ainda mais necessária, já que o objetivo passou a ser muito mais do que apenas fazer o diagnóstico e tratar doenças. Deve-se, também, direcionar o paciente sobre todas as informações que ele pode adquirir em sites confiáveis.

Tendo em vista a pequena quantidade de informações abordando uma temática tão atual e importante para a medicina moderna, acreditamos que essa pesquisa se faz pioneira na temática e forma, assim, uma base para que futuras pesquisas sejam realizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, B. G.; FERRARI, D. V. Internet e educação ao paciente. **Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia**, v.15, n. 4, p. 515-522, 2011.
- BUJNOWSKA-FEDAK, M. M.; WEGIEREK, P. The Impact of Online Health Information on Patient Health Behaviours and Making Decisions Concerning Health. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v.17, n. 880, p. 1-13, 2020.
- CASTRO, D.; MARANHÃO, L.; SOUSA, J. O conceito de internet na pesquisa em comunicação no Brasil. **Razón Y Palabra**, n. 84, 2013.
- COELHO, E. Q.; COELHO A. Q.; CARDOSO, J. E. D. Informações médicas na internet afetam a relação médico-paciente? **Revista Bioética**, v. 21, n. 1, p. 142 – 9, 2013.
- DAS A., *et al.* Internet health information use by surrogate decision makers of patients admitted to the intensive care unit: a multicentre survey. **Journal of the Australasian Academy of Critical Care Medicine**, v. 21, n. 4, p. 305-310, 2019.
- FERNANDEZ J. M., *et al.* Use of Information and Communication Technologies in Clinical Practice Related to the Treatment of Pain. Influence on the Professional Activity and the Doctor-Patient Relationship. **Journal of Medical Systems**, v. 41, n. 77, p. 1-6, 2017.
- MARQUES FILHO, J.; HOSSNE W. S. A relação médico-paciente sob a influência do referencial bioético da autonomia. **Revista Bioética**, v. 23, n. 2, p. 304-10, 2015.
- GARBIN, H.B.R.; PEREIRA NETO, A.F.; GIULAM, M.C.R. The internet, expert patients and medical practice: an analysis of the literature. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 26, p. 579 – 588, 2008.
- GIGLIO A. D., *et al.* Qualidade da informação da internet disponível para pacientes em páginas em português. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 6, p. 645-649, 2012.
- HALUZA D., *et al.* Digital Natives Versus Digital Immigrants: Influence of Online Health Information Seeking on the Doctor–Patient Relationship. **Health Communication**, v. 32, n. 11, p 1342-1349, 2016.
- LAUGESEN, J.; HASSANEIN, K; YUAN, Y. The Impact of Internet Health Information on Patient Compliance: A Research Model and an Empirical Study. **Journal of Medical Internet Research**, v. 17, n. 06, p. 1-15, 2015.
- LI N., *et al.* Reasons for and predictors of patients’ online health information seeking following a medical appointment. **Family Practice**, v. 31, n. 5, p. 550-556, 2014.
- LI Y., *et al.* Exploring the Role of Online Health Community Information in Patient’s Decisions to Switch from Online to Offline Medical Services. **International Journal of Medical Informatics**, v. 130, p. 1-8, 2019.
- LOBO, L. C. Inteligência artificial, o Futuro da Medicina e a Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n. 3, p. 3-8, 2018.

- LU X., *et al.* Relationship Between Internet Health Information and Patient Compliance Based on Trust: Empirical Study. **Journal of Medical Internet Research**, v. 20, n. 08, p. 1-15, 2018.
- MESKO, B.; GY RFFY, Z. The Rise of the Empowered Physician in the Digital Health Era: Viewpoint. **Journal of Medical Internet Ressearch**, v. 21, n. 3, p. 1-8, 2019.
- MORETTI, F. A.; OLIVEIRA, V. E.; SILVA, E. M. K. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 6, p. 650-658, 2012.
- MOTA L. R. A., *et al.* A relação médico-paciente é influenciada pelas informações on-line de saúde? **Revista Associação Médica Brasileira**, v. 64, n. 8, p. 692-699, 2018.
- MUNDLURU, S. N. *et al.* “But doctor, I googled it!” The “three Rs” of managing patients in the age of information overload. **Clinics in Dermatology**, v. 37, n. 1, p. 74-77, 2019.
- NETO CHEHUEN J. A. *et al.* Informações em saúde e a população: a relação médico-paciente e as repercussões no tratamento. **HU Revista**, v. 3 6, n. 1, p. 13-18, 2010.
- NUNES, A. M. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação: efeitos na relação médico-paciente em Portugal. **Reciis – Revista Eletronica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 12, n. 2, p. 148-59, 2018.
- OLIVEIRA, F.; GOLONI-BERTOLLO, E. M.; PAVARINO, E. C. A Internet como fonte de Informação em Saúde. **Journal of Health Informatics**, v.5, n.3, p. 98-102, 2013.
- PENG Y., *et al.* Patient-Physician Interaction and Trust in Online Health Comunity: The Role of Perceived Usefulness of Health Information and Services. **International Journal Of Environmental Research and Public Health**, v.17, n. 1, p.139, 2019.
- PEREIRA NETO A., *et al.* O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook. **Histórias, Ciências, Saúde**, v. 22, p. 1653 - 1671, 2015.
- SILVA, L.S.; LOPES, I.L. A internet, a mediação e a desintermediação da informação. **DataGramZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 12, n.2, p. 1-9, 2011.
- SILLENCE E., *et al.* A Revised Model of Trust in Internet-Based Health Information and Advice: Cross-Sectional Questionnaire Study. **Journal of Medical Internet Ressearch**, v. 21, n. 11, p. 1-14, 2019.
- SINGH, S.; BANERJEE A. Internet and doctor–patient relationship: Cross-sectional study of patients' perceptions and practices. **Indian Journal of Public Health**, v. 63, n. 3, p. 215-219, 2019.
- TAN, S. S. L.; GOONAWARDENE, N. Internet Health Information Seeking and the Patient-Physician Relationship: A Systematic Review. **Journal of Medical Internet Research**, v. 19, n.1, p. 1 – 15, 2017.
- TOMÉ, J.P.R. Medicamentos contrafeitos-abordagem à realidade portuguesa. Orientador: Miguel José Ferros Pimentel Reis da Fonseca e Micaela Moreira Pinho, 2020. Dissertação



(Mestrado em Gestão de Serviços) - Faculdade de economia, Universidade do Porto, Cidade do Porto, 2020.

WALKER D. M., *et al.* Information Technology To Support Patient Engagement: where do we stand and where can we go? **Journal of the American Medical Informatics Association**, v. 24, n. 6, p. 1088 – 1094, 2017.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1:

Questionário adaptado e modificado para os pacientes

#### **Seu uso da Internet para fins médicos / de saúde sobre suas preferências**

##### **1- Informações Pessoais:**

**1.1- Idade:** \_\_\_\_\_

**1.2- Sexo:**

- F                       M                       Não quero declarar

**1.3- Escolaridade:**

- Nenhum  
 Ensino Fundamental  
 Ensino médio  
 Ensino Superior

**2 - Com que frequência você pesquisou informações sobre saúde online na última semana?**

- Não pesquisou durante a semana passada  
 Uma vez durante a semana passada  
 Duas ou três vezes durante a semana passada  
 Mais de três vezes durante a semana passada  
 Não aplicável; não procuro informação de saúde na Internet

**3 - Cerca de quantas horas por dia (tanto em casa como no trabalho) costuma checar os e-mails e também navegar na web?**

- 0 (eu não uso a web)  
 Menos de duas horas por dia  
 2 a 4 horas por dia  
 5 a 6 horas por dia  
 Mais de 6 horas por dia

**4 - Como você acessou a internet hoje?**

- Através de um modem telefônico  
 Por meio de um modem a cabo  
 Por meio de uma conexão sem fio  
 Outro: \_\_\_\_\_  
 Não sei

**5 - Eu uso a Internet por quanto tempo:**

- Menos de 6 meses
- 6 a 12 meses
- 1 a 3 anos
- 4 a 6 anos
- 7 anos ou mais

**6 - Eu uso os seguintes recursos da Internet:**

- Navegando em sites
- E-mail
- Boletim de Notícias
- Outro:
- Lista / grupo de notícias - somente leitura

**7 - Principalmente, eu procuro por:**

- Descrições de doenças
- Testes clínicos
- Literatura médica
- Grupos de apoio
- Não tenho certeza

**8 - Nos últimos 6 meses, você procurou informações médicas / de saúde na internet para alguma das seguintes pessoas?**

- Eu mesmo
- Minha esposa ou esposo
- Meu filho (a)
- Outro: \_\_\_\_\_
- Meus parentes
- Meus amigos
- Meus pais

**9 – A que site você procura quando quer informação sobre saúde:**


---



---



---

**10 – Você prefere sites administrados por:**

- Organizações sem fins lucrativos
- Grupos de apoio
- Hospitais
- Outros:
- Companhias farmacêuticas
- Empresas comerciais

---

**11 – Discuti os resultados das minhas pesquisas na Internet por informações médicas / de saúde com meu (s) médico (s):**

SIM

NÃO

**12 - Eu uso a Internet para buscar segundas opiniões sobre diagnósticos médicos:**

SIM

NÃO

**13- Eu uso a web para pesquisar informações sobre medicamento:**

SIM → Tais como:

Interações medicamentosas:

Efeitos colaterais

Medicamentos genéricos

NÃO

**14 - Discuto as informações sobre medicamentos quando encontro com meu (s) médico (s):**

SIM

NÃO

**15 - Eu compro medicamentos por meio de serviços de farmácia on-line:**

SIM

NÃO

**16- Indique sua concordância com as seguintes frases:**

**Encontrei informações médicas/de saúde úteis na Internet e no meu idioma principal**

Concordo totalmente

Discordo

Não sei

Concordo

Discordo totalmente

**A qualidade das informações médicas/de saúde na Internet precisa melhorar**

Concordo totalmente

Discordo

Concordo

Discordo totalmente

Não sei

**Me sinto mais seguro e confiante quando pesquiso informações na internet antes da consulta médica**

Concordo totalmente

Discordo

Concordo

Discordo totalmente

Não sei

**Sinto um desconforto na consulta quando trago uma informação que encontrei na internet**

Concordo totalmente

Discordo

Concordo

Discordo totalmente

Não sei

**APÊNDICE 2:**

Questionário elaborado para os médicos

<b><u>Percepção do médico sobre o paciente expert na consulta clínica</u></b>	
<b>1- Informações pessoais:</b>	
<b>1.1 – Idade:</b>	_____
<b>1.2 - Sexo:</b>	_____
<input type="radio"/> F	<input type="radio"/> M <input type="radio"/> Não quero declarar
<b>1.3 – Especialidade:</b>	_____
<b>2- Você costuma receber muitos pacientes que já pesquisaram na internet?</b>	
<input type="radio"/> SIM	<input type="radio"/> NÃO <input type="radio"/> Não sei
<b>3- Com que frequência esses pacientes aparecem já informados anteriormente?</b>	
<input type="radio"/> Muita frequência	<input type="radio"/> Pouca Frequência <input type="radio"/> Nenhuma frequência <input type="radio"/> Não sei
<b>4- As informações que o paciente traz são de fontes conhecidas por você?</b>	
<input type="radio"/> SIM	<input type="radio"/> NÃO <input type="radio"/> Não sei
<b>5- As informações trazidas são consideradas confiáveis?</b>	
<input type="radio"/> SIM	<input type="radio"/> NÃO <input type="radio"/> Não sei
<b>6- Você já teve que discutir com algum colega médico sobre uma informação da internet trazida por um paciente?</b>	
<input type="radio"/> SIM	<input type="radio"/> NÃO <input type="radio"/> Não sei
<b>7- Você oferta algum suporte on-line para seus pacientes?</b>	
<input type="radio"/> SIM	<input type="radio"/> NÃO <input type="radio"/> Não sei

**8- Você costuma sempre se atualizar sobre novas informações relacionadas a sua especialidade pela internet?**

- SIM  Não sei  
 NÃO

**9- O paciente trazer informações da internet causa algum desconforto na relação médico-paciente?**

- Concordo totalmente  Discordo  Não sei  
 Concordo  Discordo totalmente

**10- Você costuma contradizer alguma informação da internet trazida pelo paciente?**

- SIM  Discordo  Não sei  
 NÃO  Discordo totalmente

**11- Você acha que o comportamento do paciente se torna mais ativo na consulta quando ele já está previamente informado?**

- Concordo totalmente  Discordo  Não sei  
 Concordo  Discordo totalmente

**12- Você acredita que o paciente se informar pela internet aumenta o risco de automedicação inadequada?**

- Concordo totalmente  Discordo  Não sei  
 Concordo  Discordo totalmente

**13- O confronto com algum paciente sobre uma informação da internet lhe gerou incômodo?**

- SIM  Não sei  
 NÃO

**14- Você acredita que a qualidade das informações fornecidas na internet precisa melhorar?**

- Concordo totalmente  Discordo  Não sei  
 Concordo  Discordo totalmente

### APÊNDICE 3:

TCLE para os médicos.

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

#### **A percepção do médico e do paciente em relação a influência do uso da internet frente as consultas clínicas no Ambulatório Universitário Central de Anápolis - GO**

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “**A percepção do médico e do paciente em relação a influência do uso da internet frente as consultas clínicas no Ambulatório Universitário Central de Anápolis – GO**”.

Desenvolvida por **Eduarda Almeida Dutra da Conceição, Amanda Malheiros, Ana Júlia Martins Lauck, Fernanda Folgosi, Joaquim Pedro Figueira Marques e Júlia Faria Reis**, discentes de Graduação em Medicina da Universidade Evangélica de Anápolis - UniEVANGÉLICA, sob orientação do Profa. Dra. **Constanza Thaise Xavier Silva**.

O objetivo central do estudo é: **Descrever a percepção do médico e do paciente expert e as principais influências exercidas pelo uso da internet em consultas clínicas.**

O convite a sua participação se deve à **você ser médico do Ambulatório Universitário Central de Anápolis - GO.**

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas **por meio de omissão de qualquer dado que possa identifica-lo. Seu nome, dados pessoais, endereço e qualquer informação pessoal na divulgação dos resultados serão ocultados e armazenados em local seguro, se restringindo apenas a termo de estudo e pesquisa pelo grupo autor citado acima.**

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um questionário à respeito da sua percepção sobre o paciente expert na consulta clínica. **O senhor será abordado no seu consultório com um tempo de aproximadamente de 5 a 10 minutos para o preenchimento do questionário em total sigilo e respeito a privacidade do participante.**

Os questionários serão transcritos e armazenados, mas somente terão acesso aos mesmos os pesquisadores e sua orientadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/UniEVANGÉLICA.

O benefício direto e indireto relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de **receber um panfleto contendo três sugestões de sites confiáveis para pesquisa de saúde na internet e com orientações de como sugerir os melhores sites para se pesquisar sobre saúde na internet.**

Em relação aos riscos da pesquisa, há o risco de desconforto ou constrangimento dos participantes ao responder os questionários e também há o risco de exposição e quebra do sigilo. Para minimizar esses riscos, a abordagem dos participantes será individual e sua participação será voluntária, além de que seus nomes não serão identificados no questionário e o participante poderá desistir a qualquer momento da pesquisa.

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação/tese, além da Mostra de Saúde da UniEVANGÉLICA.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável – UniEVANGÉLICA

**Contato com o(a) pesquisador(a) responsável: Constanza Thaise Xavier Silva – (62)9090 98148-5925**

Endereço: Avenida Universitária, Km 3,5 Cidade Universitária – Anápolis/GO CEP: 75083-580

## **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_ CPF nº \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo acima descrito, como participante. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora \_\_\_\_\_ sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones para entrar em contato, a cobrar, caso tenha dúvidas. Fui orientado para entrar em contato com o CEP - UniEVANGÉLICA (telefone 3310-6736), caso me sinta lesado ou prejudicado. Foi-me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Recebi uma via deste documento.

Anápolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

Assinatura do participante da pesquisa



Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UniEVANGÉLICA:**

Tel e Fax - (0XX) 62- 33106736

E-mail: [cep@unievangelica.edu.br](mailto:cep@unievangelica.edu.br)

#### APÊNDICE 4:

TCLE para os pacientes.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

#### **A percepção do médico e do paciente em relação a influência do uso da internet frente as consultas clínicas no Ambulatório Universitário Central de Anápolis - GO**

Prezado participante,

“Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **“A percepção do médico e do paciente em relação a influência do uso da internet frente as consultas clínicas no Ambulatório Universitário Central de Anápolis – GO”**.”

“Desenvolvida por **Eduarda Almeida Dutra da Conceição, Amanda Malheiros, Ana Júlia Martins Lauck, Fernanda Folgosi, Joaquim Pedro Figueira Marques e Júlia Faria Reis**, discente de Graduação em Medicina da Universidade Evangélica de Anápolis - UniEVANGÉLICA, sob orientação do Professor(a) Dra. **Constanza Thaise Xavier Silva**.

O objetivo central do estudo é: **Descrever a percepção do médico e do paciente expert e as principais influências exercidas pelo uso da internet em consultas clínicas.**

“O convite a sua participação se deve **à você ser um paciente do Ambulatório Universitário Central de Anápolis – GO.**

“Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.”

“Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas **por meio de omissão de qualquer dado que possa identifica-lo. Seu nome, dados pessoais, endereço e qualquer informação pessoal na divulgação dos resultados serão ocultados e armazenados em local seguro, se restringindo apenas a termo de estudo e pesquisa pelo grupo autor citado acima.**

“A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

“A sua participação consistirá em responder perguntas de um questionário à pesquisadora do projeto. **Você será abordado em ambiente da sala de espera do Ambulatório como espaço para preenchimento do questionário, um tempo de cerca de 5 a 10 minutos para o preenchimento, com total sigilo e respeito à privacidade do participante.**

“Os questionários serão transcritos e armazenados, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora, não sendo permitido a nenhum outro membro da instituição.

“Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/UniEVANGÉLICA”.

O benefício direto relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de **receber um panfleto contendo três sugestões de sites confiáveis para pesquisa de saúde na internet, com orientações de como encontrar os melhores sites para se pesquisar e se informar sobre saúde na internet.**

Em relação aos riscos da pesquisa, há o risco de desconforto ou constrangimento dos participantes ao responder os questionários e também há o risco de exposição e quebra do sigilo. Para minimizar esses riscos, a abordagem dos participantes será individual e sua participação será voluntária, além de que seus nomes não serão identificados no questionário e o participante poderá desistir a qualquer momento da pesquisa.

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação/tese, além da Mostra de Saúde da UniEVANGÉLICA.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável – (Inserção na) UniEVANGÉLICA

**Contato com o(a) pesquisador(a) responsável: Constanza Thaise Xavier Silva – (62)9090 98148-5925**

Endereço: Avenida Universitária, Km 3,5 Cidade Universitária – Anápolis/GO CEP: 75083-580

### **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_ CPF nº \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo acima descrito, como participante. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador \_\_\_\_\_ sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones para entrar em contato, a cobrar, caso tenha dúvidas. Fui orientado para entrar em contato com o CEP - UniEVANGÉLICA (telefone 3310-6736), caso me sinta lesado ou prejudicado. Foi-me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Recebi uma via deste documento.

Anápolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_, \_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

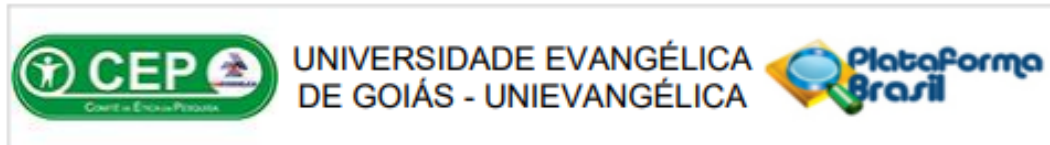
Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UniEVANGÉLICA:**

Tel e Fax - (0XX) 62- 33106736

E-mail: [cep@unievangelica.edu.br](mailto:cep@unievangelica.edu.br)

## ANEXO 1 – Parecer de aprovação do CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A percepção do médico e do paciente em relação a influência do uso da internet frente as consultas clínicas no Ambulatório Universitário Central de Anápolis - GO

**Pesquisador:** Constanza Thaise Xavier Silva

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 53067021.3.0000.5076

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.288.589

#### Apresentação do Projeto:

De acordo com o parecer CAAE: 53067021.3.0000.5076

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Descrever a percepção médica versus o paciente expert e as principais influências exercidas pelo uso da internet em consultas clínicas.

Objetivos específicos

- Descrever o perfil sociodemográfico da população do estudo;
- Identificar a prevalência da procura por informações virtuais sobre a saúde em relação ao paciente;
- Identificar os assuntos de saúde mais procurados na internet e a sua utilização pelo paciente;
- Avaliar as fontes mais utilizadas pelos pacientes na procura por informações virtuais de saúde;
- Esclarecer sobre o impacto do paciente informado na relação médico-paciente;
- Comparar a prevalência de procura por informações virtuais de acordo com as diferentes especialidades do Ambulatório Universitário Central de Anápolis, Goiás;
- Compreender a percepção dos médicos sobre as informações virtuais trazidas pelos seus pacientes.

**Endereço:** Av. Universitária, Km 3,5

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 75.083-515

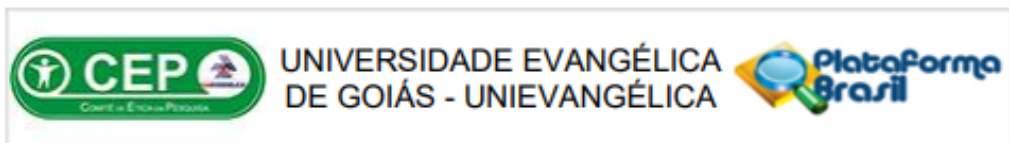
**UF:** GO

**Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3310-6736

**Fax:** (62)3310-6636

**E-mail:** cep@unievangelica.edu.br



Continuação do Parecer: 5.288.589

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com o parecer CAAE: 53067021.3.0000.5076

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Não se aplica

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

De acordo com as recomendações previstas pela RESOLUÇÃO CNS N.466/2012 e demais complementares o protocolo permitiu a realização da análise ética. Todos os documentos apresentados foram analisados.

**Recomendações:**

Não se aplica

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Quanto ao PB: PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1843677.pdf

Pendência 01: Na plataforma Brasil (documento PB). No item Metodologia de Pesquisa: - Informar conforme apresentado no projeto a metodologia de pesquisa incluindo: tipo de pesquisa, instrumentos e procedimentos de coleta de dados, critérios de inclusão e exclusão, aspectos éticos da pesquisa, metodologia de análise de dados.

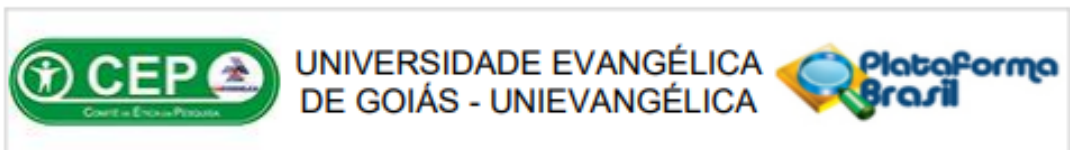
ANÁLISE: Os pesquisadores apresentaram na Plataforma Brasil o tipo de pesquisa, instrumentos e procedimentos de coleta de dados, critérios de inclusão e exclusão, aspectos éticos da pesquisa, metodologia de análise de dados, conforme detalhados no Projeto Detalhado. PENDÊNCIA ATENDIDA

Quanto ao Projeto Detalhado: ICPRONTO.docx

Pendência 01: No item metodologia- Padronizar: No texto lê-se: pacientes atendidos por especialidade durante dois meses de atendimento, porém na descrição do Quadro 1 lê-se: pacientes atendidos por especialidade durante 3 meses de atendimento.

ANÁLISE: As informações foram padronizadas na página 15, do documento IC PRONTO CORRIGIDO, sendo o tempo descrito de 2 meses, tanto no texto quanto no Quadro 1. PENDÊNCIA ATENDIDA

**Endereço:** Av. Universitária, Km 3,5  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 75.083-515  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3310-6736 **Fax:** (62)3310-6636 **E-mail:** cep@unievangelica.edu.br



Continuação do Parecer: 5.288.589

Pendência 02: No item metodologia- Corrigir a inversão dos subitens: Aspectos Éticos e Análise de Dados.  
ANÁLISE: AS informações foram corrigidas e alteradas adequadamente no documento IC PRONTO CORRIGIDO na página 17. PENDÊNCIA ATENDIDA

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O pesquisador responsável atende todas as orientações da construção de um projeto de pesquisa e da Resolução CNS no. 466/2012 e complementares.

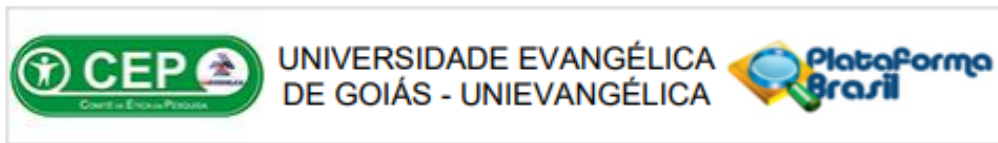
Solicitamos ao pesquisador responsável o envio do RELATÓRIO FINAL a este CEP, via Plataforma Brasil, conforme o cronograma de execução apresentado.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1843677.pdf	03/03/2022 19:01:35		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ICPRONTOCORRIGIDO.docx	03/03/2022 19:00:34	ANA JULIA MARTINS LAUCK	Aceito
Outros	CARTEENCAMINHAMENTO.docx	24/02/2022 15:03:43	ANA JULIA MARTINS LAUCK	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaopeiquisador.pdf	05/11/2021 16:12:56	Constanza Thaise Xavier Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPCTE.pdf	05/11/2021 16:12:49	Constanza Thaise Xavier Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMedico.pdf	05/11/2021 16:12:39	Constanza Thaise Xavier Silva	Aceito
Folha de Rosto	folharomedipaci.pdf	05/11/2021 16:11:20	Constanza Thaise Xavier Silva	Aceito

**Situação do Parecer:**

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5  
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 75.083-515  
 UF: GO Município: ANAPOLIS  
 Telefone: (62)3310-6736 Fax: (62)3310-6636 E-mail: cep@unievangelica.edu.br



Continuação do Parecer: 5.288.589

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ANAPOLIS, 13 de Março de 2022

---

**Assinado por:**  
**Lucimar Pinheiro**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Universitária, Km 3,5  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 75.083-515  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3310-6736 **Fax:** (62)3310-8636 **E-mail:** cep@unievangelica.edu.br